

HIPERGÊNERO E IDENTIDADE DISCURSIVA: A PRIMEIRA PÁGINA DO JORNAL

Eduardo Lopes Piris*

Resumo: Este artigo analisa a primeira página dos diários *Correio da Manhã* e *O Globo*, observando a inter-relação dos gêneros que compõem e constituem esse hipergênero de discurso, no qual a composição é um fator de construção da identidade do jornal e de adesão do leitor aos posicionamentos do jornal. Assume os pressupostos teóricos da abordagem discursivo-argumentativa, tal como proposta por Maingueneau (1994), Plantin (1996, 2008) e Amossy (2006, 2007), recorrendo a Bakhtin (2003), Bonini (2008), Grillo (2004, 2009) e Maingueneau (2004) para discutir a noção de hipergênero de discurso. A análise mostra que os dois jornais constroem primeiras páginas bem distintas, projetando, assim, diferentes identidades discursivas: *Correio da Manhã*, o jornal participativo; *O Globo*, o jornal espectador.

Abstract: This paper analyses the front page of the dailies *Correio da Manhã* and *O Globo*, observing the interrelationship of the genres which compose and constitute this discursive hypergenre, in which the composition is a factor of construction of the identity of the newspaper and of the adhesion of the reader to the positions of the newspaper. It assumes the theoretical principles of the discursive-argumentative approach, as proposed by Maingueneau (1994), Plantin (1996, 2008) and Amossy (2006, 2007), resorting to Bakhtin (2003), Bonini (2008), Grillo (2004, 2009) and Maingueneau (2004) to discuss the notion of discursive hypergenre. The results show that the newspapers construct two distinct front pages, projecting, thus, two distinct discursive identities: *Correio da Manhã*, the participatory newspaper and *O Globo*, the spectator newspaper.

Palavras-chave: discurso jornalístico, identidade discursiva, hipergênero, primeira página.

Key-words: journalistic discourse, discursive identity, hypergenre, front page.

Introdução

Este artigo é um recorte de nossa pesquisa de doutorado cujo objetivo central é analisar os discursos do *Correio da Manhã* e d' *O Globo* sobre os fatos políticos ocorridos em abril de 1964, procedendo ao exame das primeiras páginas das edições de abril de 1964 desses jornais.

Neste momento, pretendemos mostrar como o *layout* da primeira página revela a identidade discursiva de cada empresa jornalística e constrói os efeitos de identificação entre jornal e leitor, o que, no âmbito de nossa pesquisa, constituem-se como estratégias privilegiadas do discurso jornalístico para conquistar a adesão do leitor aos seus posicionamentos.

Para tanto, examinaremos um *corpus* constituído com base nas primeiras páginas das edições de 2 e 3 de abril de 1964 dos diários *Correio da Manhã* e *O Globo*, cuja pauta foi maciçamente ocupada pelos acontecimentos políticos em torno da deposição do presidente João Goulart.

Este trabalho assume os pressupostos teóricos da abordagem discursivo-argumentativa, tal como proposta por Maingueneau (1994), Plantin (1996, 2008) e Amossy (2006, 2007), e recorre à noção de gênero de discurso postulada por Bakhtin (2003), buscando em Maingueneau (2004),

* Doutorando em Filologia e Língua Portuguesa (USP) - Docente da área de Língua Portuguesa (UESC)

Bonini (2008) e Grillo (2004, 2009) subsídios para discutir a noção de hipergênero e, no bojo, responder a estas duas perguntas:

- Como a inter-relação dos gêneros jornalísticos no hipergênero “primeira página” contribui para a construção do efeito de real¹?
- Como as cenas de enunciação criadas pelos gêneros jornalísticos e pelo hipergênero “primeira página” captam o imaginário do leitor e, daí, constroem os efeitos de identificação entre jornal e leitor?

Vale dizer que, a fim de levantar referências que tratassem da primeira página como gênero ou hipergênero discursivo, procedemos a uma pesquisa bibliográfica que nos revelou que a investigação sobre a condição genérica da primeira página jornalística é ainda bem recente e incipiente. Apesar de não termos encontrado publicações de referência que se dediquem a essa questão de maneira específica, observamos que é a partir de 2005 que começam a surgir, nas grandes áreas de Letras e de Comunicação, os primeiros trabalhos que tomam a primeira página como um gênero de discurso, e não mais apenas como suporte ou espelho do jornal (cf. Paes de Barros, 2005; Carvalho & Magalhães, 2009). Dessa maneira, nosso trabalho pretende dar sua contribuição ao propor este olhar, ainda que superficial, sobre a primeira página do jornal.

Assim, num primeiro momento, apresentaremos os pressupostos teóricos que fundamentam a abordagem discursivo-argumentativa, que é uma perspectiva de estudo que integra a Análise do Discurso e a Teoria da Argumentação. Posteriormente, situaremos a noção de gênero do discurso com a qual trabalhamos em nossa pesquisa, para, então, discutir sobre a noção de hipergênero discursivo, destacando também suas relações com as cenas de enunciação. Já, num terceiro momento, procederemos à análise das primeiras páginas dos jornais *Correio da Manhã* e *O Globo*, dirigindo-nos às considerações finais, em que tentaremos recuperar e amarrar o que julgamos pontos importantes do trabalho.

A Abordagem Discursivo-Argumentativa

Aristóteles (1998) mostra que o tipo de raciocínio desenvolvido pela Retórica não é o demonstrativo, tal como o é na Dialética, mas sim o argumentativo, pois a arte retórica versa sobre aquilo que é provável, que é do âmbito da opinião, apresentando, como ponto de partida, premissas verossímeis ao invés de verdadeiras.

Até a contemporaneidade, a arte retórica viveu um longo período de desprestígio e somente foi recuperada em 1958 com a publicação de duas obras que recolocaram em cena os estudos retóricos: *Tratado da argumentação - A nova retórica*, de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996[1958]); *The uses of argument*, de Toulmin (2006[1958]). Segundo Plantin (1996, p.10), essas são duas obras com horizontes teóricos distintos, mas dotadas de um mesmo objetivo, pois seus autores “pesquisam, no pensamento argumentativo, um meio de fundar uma racionalidade específica, em favor das relações humanas”². Assim, temos aí o início da revitalização da abordagem de uma argumentação fundada sobre o verossímil, ou seja, uma argumentação que

¹ Sheila Grillo (2004, p.48) afirma que toma emprestada de Roland Barthes a expressão “efeito de real”. A autora aplica essa expressão ao discurso jornalístico, explicando que “como parte da informação, a descrição desempenha o papel de ‘dar a ver’, o que contribui para o efeito de real que funda o jornalismo, isto é, a adequação do representante à coisa representada”. Grillo (2004, p.49) complementa, ainda, que “o caráter informativo da imprensa se materializa na presença cada vez mais forte de formas de discurso citado em suas diferentes modalidades [...]. O ‘efeito de real’ se dá com a colocação em cena das falas dos atores sociais envolvidos nos acontecimentos noticiados”.

² No original: “Ils recherchent dans la pensée argumentative un moyen de fonder une rationalité spécifique, à l’œuvre dans les affaires humaines.” (PLANTIN, 1996, p.10).

busca convencer seu auditório no âmbito da negociação e que destaca a dimensão intersubjetiva do discurso.

A partir desses estudos, a argumentação despertou o interesse de estudiosos filiados a correntes teóricas diversas nem sempre convergentes. A multiplicidade dos enfoques acerca desse objeto de estudo levou, dentre tantas outras consequências, à polissemia do termo “argumentação”. A esse respeito, Plantin (1996, p.18) alerta que há duas acepções bem distintas para o termo argumentação:

- Argumentação enquanto orientação dirigida a uma conclusão, em que se analisa a propriedade semântica da frase, considerada fora de contexto;
- Argumentação enquanto fato de discurso, associada à prática da linguagem em contexto.

Para ilustrar essa segunda acepção do termo “argumentação”, retomemos o artigo de Maingueneau (1994) intitulado “Argumentation et Analyse du Discours (Réflexions à partir de la seconde Provinciale)”, em que ele critica um estudo de Oswald Ducrot (1971) consagrado à análise da argumentação da *Segunda Provincial*, escrita por Pascal em 1656.

Em linhas gerais, o autor da *Provincial* discute a posição dos dominicanos sobre a “graça suficiente”, apresentando aí três teses: a dos jesuítas, a dos jansenistas e a dos próprios dominicanos. Segundo Maingueneau (1994, p.269), o método de Ducrot (1971) “consiste em mostrar que o raciocínio de Pascal se traduz com exatidão no formalismo do cálculo dos predicados, e que essa surpreendente tradução tornou-se possível por meio de uma interpretação lógico-matemática do adjetivo *suffisante*”³.

Maingueneau (1994) entende que, embora Ducrot aplique corretamente os cálculos de predicados e daí conclua que Pascal cometera um erro, do ponto de vista da análise do discurso, o autor da *Segunda Provincial* utiliza-se de uma linguagem de não especialista, para criar a imagem de um homem de bom senso que dirige sua fala a outros homens de bom senso, o que caracteriza não um erro, mas o uso de um recurso argumentativo voltado à construção da identificação do autor com seu leitor.

É por essa razão que Maingueneau (1994, p.265) afirma que “quando o analista do discurso se volta para a argumentação, não é com a intenção de estabelecer o modelo dos processos de validação, mas de relacioná-los a um gênero do discurso histórica e socialmente situado”⁴.

Igualmente preocupada com essa questão da argumentação situada na dimensão sócio-histórica do discurso, Amossy (2007, p.123) defende uma perspectiva de estudo da argumentação e do discurso “que relaciona a fala a um lugar social e a instâncias institucionais”. Assim, para a autora, a argumentação “depende das possibilidades da língua e das condições sociais e institucionais que determinam parcialmente o sujeito, fora dos quais a orientação ou a dimensão argumentativa do discurso não pode ser apreendida com discernimento” (AMOSSY, 2007, p.128).

Afora isso, a análise da argumentação como fato de discurso volta-se também para a questão da enunciação. Nesse ponto, Maingueneau (1994) e Plantin (1996) destacam o papel da

³ No original: “[...] consiste à montrer que le raisonnement de Pascal se laisse traduire avec exactitude dans le formalisme du calcul des prédicats, et que cette surprenante traduction est rendue possible par une interprétation logique-mathématique de l’adjectif *suffisant*” (MAINGUENEAU, 1994, p.269).

⁴ No original: “quand l’analyste du discours se tourne vers l’argumentation, ce n’est pas dans l’intention de modéliser des processus de validation mais pour les rapporter à un genre de discours historiquement et socialement situé” (MAINGUENEAU, 1994, p.265).

enunciação, reafirmando seu caráter concreto de realização num dado contexto sócio-histórico. Maingueneau (1994, p.278) argumenta que “não poderíamos, portanto, estabelecer o texto como um conteúdo independente das condições de sua enunciação, nem reduzir a argumentação ao estatuto de meio a serviço de uma persuasão”⁵. Complementarmente a esse pensamento, Plantin (1996, p.18) afirma que “**toda fala** é necessariamente argumentativa. É um resultado concreto da enunciação em situação”⁶.

Para concluir este tópico, vale dizer que há, ainda nessa perspectiva de argumentação no discurso, dois aspectos da argumentação: um, que seria constitutivo da linguagem e inerente a qualquer tipo de produção discursiva; outro, que caracterizaria apenas os discursos explicitamente argumentativos. Segundo Amossy (2006), o primeiro aspecto da argumentação seria recoberto pela ideia de “dimensão argumentativa”, enquanto o segundo, pela ideia de “intenção argumentativa”. Dessa maneira:

Um discurso de defesa tem uma clara intenção argumentativa: ele apresenta como objetivo principal fazer admitir a inocência do indiciado que o advogado tem por tarefa de defender, ou apresentar circunstâncias atenuantes que diminuirão sua pena. Uma descrição jornalística ou romanesca, ao contrário, pode ter mais uma dimensão do que uma vontade argumentativa (AMOSSY, 2006, p.33)⁷.

Essa distinção deve ser considerada, sobretudo, para orientar os procedimentos de análise da argumentação no discurso, pois as características da materialidade a ser examinada acabam exigindo do analista a eleição de determinadas categorias de análise e não de outras. Neste trabalho, por exemplo, a proposta é apontar os efeitos de sentido de identificação entre jornal e leitor construídos pelo *layout* da primeira página jornalística, analisando aí elementos de composição desse hipergênero discursivo. Trata-se aqui de explorar, preferencialmente, a dimensão argumentativa de um discurso caracteristicamente informacional, e não as estratégias de argumentação de um tipo de discurso cuja finalidade primeira é o convencimento e a persuasão.

Gênero, Hipergênero e Cenas Enunciativas

As características constitutivas dos textos e as tentativas de classificá-los em famílias são preocupações que já se fazem presentes desde Platão e Aristóteles, os quais inauguraram o que viria a se tornar uma longa tradição nos estudos literários e retóricos: o primeiro distinguiu os gêneros literários em lírico, épico e dramático, enquanto o segundo concebera os gêneros retóricos em deliberativo, judicial e epidítico. As revoluções provocadas durante a Idade Média e a Idade Moderna expandiram as possibilidades de comunicação, propiciando a ramificação e a diversificação de seus dispositivos de enunciação, ou seja, dos gêneros discursivos.

Helena Nagamine Brandão (2000, p.22-23) localiza, numa breve revisão de literatura, quatro tipos de classificações dos gêneros, a saber: (1) as tipologias funcionais, fundadas sobre o estudo das funções dos discursos (cf. Jakobson); (2) as tipologias enunciativas que tratam principalmente da influência das condições de enunciação sobre a organização discursiva (cf. Bronckart); (3) as tipologias cognitivas, que tratam principalmente da organização cognitiva,

⁵ No original: “On ne saurait donc poser le texte comme un contenu indépendant des conditions de son énonciation ni réduire l’argumentation au statut de moyen au service d’une persuasion” (MAINGUENEAU, 1994, p.278).

⁶ No original: “**Toute parole** est nécessairement argumentative. C’est un résultat concret de l’énonciation en situation” (PLANTIN, 1996, p.18).

⁷ No original: “Une plaidoirie a une nette visée argumentative: elle se donne comme objectif premier de faire admettre l’innocence de l’inculpé que l’avocat a pour tâche de défendre, ou de présenter des circonstances atténuantes qui diminueront sa peine. Une description journalistique ou romanesque, par contre, peut avoir une dimension plutôt qu’une volonté argumentative” (AMOSSY, 2006, p.33).

pré-linguística, subjacente à organização de certas sequências (cf. Adam); (4) a tipologia sócio-interacionista (cf. Bakhtin).

Dentre as tipologias apresentadas por Brandão (2000), nossas reflexões sobre esse tema enveredam-se pela concepção de gênero postulada por Bakhtin (2003), pois esta subjaz uma concepção sociointeracionista de língua e de linguagem, que vai ao encontro dos pressupostos teóricos que fundamentam a abordagem discursivo-argumentativa.

Os postulados do Círculo representam, como mostra Brandão (2004, p.8), a passagem de uma “concepção de signo linguístico como um ‘sinal’ inerte que advém da análise da língua como sistema sincrônico abstrato” a uma concepção de signo dialético, vivo e dinâmico. Nessa perspectiva, Bakhtin (2003, p.261) associa o emprego da língua às formas de enunciados, os gêneros do discurso, ao postular que “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”.

É interessante notar que a teoria bakhtiniana foi elaborada em meados do século XX, antes mesmo de toda a revolução tecnológica experimentada dos anos 1960 em diante. Assim, poderíamos nos indagar sobre a atualidade dos postulados do Círculo quanto à abordagem de gêneros da contemporaneidade, caracteristicamente constituídos por meio de semióticas diversas, tais como a primeira página do jornal. Todavia, Grillo (2009) ressalta a aplicabilidade dessa teoria a enunciados do tipo verbo-visual, esclarecendo que:

Embora este não tenha sido o objeto de estudo privilegiado do Círculo de Bakhtin, entrevemos, em alguns momentos de sua obra, a noção de enunciado ou texto como unidade constituída de signos diversos:

O texto “subentendido”. Se entendido o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) opera com textos (obras de arte). São pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos (BAKHTIN, 2003a *apud* GRILLO, 2009, p.216).

Em segundo lugar, é preciso ter em conta que a transformação sofrida pelos gêneros de discurso nessas últimas décadas já fora presumida por Bakhtin em sua notória formulação sobre gêneros primários e gêneros secundários. Retomemos:

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) [...]. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios [...] (BAKHTIN, 2003, p.263).

Assim, Bakhtin (2003) considera os gêneros de discurso sempre no bojo da interação, sendo que os primários caracterizam-se pelo surgimento nas condições da comunicação discursiva imediata, ao passo que os secundários caracterizam-se pela mediatização do discurso. Com o avanço tecnológico, essa complexidade dos gêneros secundários potencializou-se de tal maneira que podemos encontrar, nos atuais meios de comunicação, formas de enunciados que chegam a ser confundidos com o seu próprio suporte.

Tributário às concepções bakhtinianas de enunciado e de gênero do discurso, Adair Bonini (2001, 2004, 2008) formula a noção de hipergênero, o que nos auxilia na compreensão dessas formas complexas de enunciado presentes, sobretudo, nos meios de comunicação. Resultado de uma construção teórica maturada, Bonini (2008, p. 35) sintetiza assim a noção de hipergênero:

Como já havia feito em Bonini (2004), opto aqui também pelo conceito de enunciado como base da noção de gênero. Embora eu tenha trabalhado em muitos textos com a literatura proveniente da sócio-retórica, o conceito de ação de linguagem de Miller (1984) não me parece tão pertinente como unidade básica da linguagem quanto o conceito de enunciado de Bakhtin (1953), uma vez que esse último alcança uma caracterização mais plausível como unidade no fluxo da linguagem e como aspecto do comportamento comunicativo e interacional humano (BONINI, 2008, p.35).

Afirmei, no primeiro texto em que tratei do assunto, que: “Embora na literatura sobre gêneros textuais, o jornal seja caracterizado basicamente como um veículo, [há] motivos para considerá-lo um gênero que abriga outros (ou seja, um hipergênero), porque preenche quesitos como propósitos comunicativos próprios, organização textual característica [...] e produtores e receptores definidos” (BONINI, 2001). [...]. Em 2005, afirmei que o hipergênero (por exemplo, o jornal) poderia equivaler ao suporte de textos, mas que nem todo suporte seria um hipergênero (por exemplo, um álbum de fotografias). Neste texto mais recente (BONINI, *mimeo*), opto pelo termo mídia, por já ser corrente, na literatura acadêmica e na sociedade, desconsiderando o termo suporte. Mantenho, contudo, a mesma hipótese para a relação entre o gênero e seu meio de circulação.

Bonini (2008, p.35-36) considera, portanto, o jornal como um hipergênero (um gênero que abriga outros gêneros) e também como um suporte ou mídia, ressaltando que nem todo suporte/mídia pode se comportar como um hipergênero, a exemplo da televisão, que é uma mídia composta por hipergêneros (telejornal, *talkshow* etc.) e gêneros (anúncio, vinheta etc.).

Não obstante, Maingueneau (2004) também trata da noção de hipergênero, compreendendo-a como um protótipo genérico, que corresponderia a uma categoria de classificação de gêneros de discurso, um hiperônimo, não possuindo, assim, o mesmo estatuto de um gênero discursivo. Segundo o autor:

São caracterizações como “diálogo”, “carta”, “ensaio”, “jornal”, etc. que permitem formatar o texto. Não se trata, como o gênero de discurso, de um dispositivo de comunicação historicamente definido, mas um modo de organização textual com restrições fracas, que encontramos em épocas e em lugares diversos e no interior do qual encenações de fala diversificadas podem se desenvolver (MAINGUENEAU, 2004, p.54).

É possível notar que os dois autores convergem para uma mesma noção de hipergênero, pois partem da mesma concepção bakhtiana de gênero do discurso, identificam problemas semelhantes e oferecem o exemplo coincidente do jornal. A contribuição de Maingueneau (2004) ao nosso trabalho deve-se ao fato de o autor suscitar a questão das cenas enunciativas, ao tocar na questão das encenações de fala desenvolvidas no interior do hipergênero.

Desse modo, vale acrescentar a essa discussão conduzida por Bonini (2008) o problema da cena de enunciação, que pode ser encarada, mais apropriadamente, como um fenômeno de passagens entre cenas enunciativas, conforme o foco da leitura é dirigido ao gênero ou ao hipergênero. Analisando o *Correio da Manhã* e *O Globo*, podemos notar gêneros inter-relacionados e dispostos em uma mesma cena de enunciação: a da primeira página do jornal.

O caráter interativo da atividade languageira estabelece durante a enunciação um conjunto de elementos que compõem sua própria situação de comunicação como uma cena, mais especificamente uma cena de enunciação composta pelo lugar social assumido pelo destinatário do discurso, pelo lugar social atribuído ao destinatário do discurso, pelo espaço e pelo momento que são próprios a esses lugares reconhecidos socialmente. A cena é o quadro da enunciação, mas não um quadro que é dado *a priori*, independentemente da enunciação de seu discurso, mas constitutivo dele.

Maingueneau (2002, p.85) formula uma noção de cena de enunciação composta por outras três cenas, a saber: a **cena englobante**, que corresponde ao tipo de discurso (político, jurídico,

literário, familiar, científico, religioso etc.); a **cena genérica**, que se instala por meio do gênero discursivo; a **cenografia**, que é a cena com que o co-enunciador toma contato mais explicitamente, deslocando as duas primeiras cenas (o quadro cênico) para um segundo plano.

No caso da primeira página, estamos diante de um hipergênero que, a depender do regime de leitura, pode projetar duas cenas de enunciação, sendo uma hipergenérica e outra genérica. A esse respeito, Grillo (2004, p.67) mostra que:

Decorrente da exploração dos aspectos visuais, a página do jornal propicia uma leitura a duas velocidades. A primeira, mais veloz e imediata, corresponde à leitura dos títulos, fotografias e legendas, na maneira como eles estão organizados na superfície da página. [...]. A segunda, mais lenta, corresponde à leitura dos “textos”.

Assim, determinado pela disposição da manchete, dos títulos, das fotos-manchetes, das fotos-legendas na composição da página, o regime de leitura superficial da primeira página do jornal coloca em primeiro plano a cena hipergenérica. E essa cena enunciativa só é deslocada para um segundo plano por meio da leitura profunda, que é determinada pela leitura específica do editorial, das notícias, das notas, projetando aí as respectivas cenas genéricas. Há, portanto, um deslocamento entre cenas enunciativas, em que a cena instalada pela primeira página dá lugar, por exemplo, à cena instalada pelo editorial e vice-versa.

Em síntese, podemos entender que a primeira página jornalística é um hipergênero discursivo, que, basicamente, pode ser entendido como um gênero de discurso constitutivamente complexo, em que sua estrutura composicional comporta outros gêneros que se inter-relacionam e aí colaboram para a construção, tanto da identidade discursiva do enunciador institucional (no caso, o jornal), quanto dos sentidos projetados e homogeneizados pela cena de enunciação hipergenérica. Estabelece-se aí uma relação entre hipergênero e seus gêneros, em que os sujeitos do discurso são interpelados de acordo com a cena enunciativa projetada pelos diferentes regimes de leitura presentes nesse dispositivo de enunciação, ora hipergenérico, ora genérico.

Análise das primeiras páginas do *Correio da Manhã* e *d'O Globo*

Embora, no cenário político brasileiro de 1964, diversas tendências partidárias representassem interesses dos vários setores socioeconômicos estabelecidos no País, a produção discursiva em torno dos acontecimentos políticos baseou-se em dois eixos axiológicos antagônicos: de um lado, “comunismo *versus* patriotismo” e, de outro lado, “reformismo *versus* reacionarismo”. Por limitadores, esses dois eixos apresentavam, ilusoriamente, os diversos grupos de interesses como se fossem apenas dois grupos que disputavam o poder, escamoteando outros valores constituintes de seus discursos.

Em abril de 1964, o advento do Golpe elevou a tensão entre esses dois lados e, então, a controvérsia em torno da deposição do presidente João Goulart e da instalação dos militares no poder ganhou espaço notório nas páginas dos jornais.

Por mais que o discurso jornalístico caracterize-se pelo apagamento das marcas linguísticas da subjetividade, o próprio contrato de informação midiático (CHARAUDEAU, 2007) reivindica a presença do homem na linguagem (cf. Benveniste) ao instaurar os parceiros da comunicação jornalística. Assim, por meio da enunciação do discurso, são simultaneamente instaladas as instâncias subjetivas do enunciador (um jornalista ou o próprio jornal, o enunciador institucional) e do co-enunciador, recoberto pela figura do leitor.

Essa subjetividade pode ser apreendida por meio da análise da composição da primeira página do jornal, que desvela estratégias discursivo-argumentativas e, daí, posicionamentos discursivos.

Na primeira página do *Correio da Manhã*⁸, há o predomínio espacial dos gêneros verbais (editorial, notícia e nota comentário relatado (cf. Figueiredo, 2003)) sobre os gêneros verbo-visuais (foto-legenda). Já, nas primeiras páginas d'*O Globo*⁹, ocorre o inverso, pois os gêneros verbo-visuais (foto-manchete e foto-legenda) ocupam mais espaço na página do que os gêneros verbais (editorial e chamadas para aprofundamento da notícia). Como essa diferença entre os dois *layouts* pode ser encarada também pelo viés financeiro da empresa jornalística e pelo contexto sócio-histórico de repressão aos meios de comunicação mesmo antes do Golpe¹⁰, é preciso reiterar aqui que o foco de nossa análise incide sobre os efeitos de sentido construídos pela composição das primeiras páginas.

Assim, quanto à função dos gêneros na página, notamos que, no *Correio da Manhã*, o gênero nota comentário relatado¹¹ cria, sob a forma do discurso direto¹², o simulacro da opinião das principais lideranças políticas do País a respeito da deposição do presidente (alhores manifestada por meio de nota oficial, manifesto, mensagem telegrafada, transcrição de pronunciamento emitido por rádio e televisão etc.), lançando, no contorno do discurso citado, as apreciações valorativas do jornal sobre a opinião ali relatada. Já, n'*O Globo*, o gênero que cumpre semelhante função de construção do real é a foto-legenda¹³, pois a imagem fotográfica exerce o papel de mostrar os fatos, enquanto a legenda, o de expressar sua avaliação. Em outro trabalho de divulgação dos resultados parciais de nossa pesquisa, pormenorizamos, no corpo do texto, esse processo de (re)construção do discurso alheio em ambos os jornais. Neste artigo, todavia, remetemos o leitor aos nossos anexos.

Os gêneros que compõem a primeira página de cada jornal e a maneira como ocupam o espaço da página, o *layout*, expõem os leitores a dois regimes diferentes de construção do real: de um lado, o *Correio da Manhã* constrói o simulacro de documentos e pronunciamentos oficiais; de outro lado, *O Globo* engendra os fatos por meio de imagens obtidas pela lente “neutra” da câmera fotográfica. Nessa inter-relação dos gêneros de discurso no hipergênero, entendemos que a opinião do jornal, emitida reconhecidamente por meio de um gênero específico – o editorial, permeia os sentidos produzidos pelos demais gêneros de discurso que compõem a primeira página, consistindo aí em um forte elemento de homogeneização de sentidos dessa página, de modo a caracterizá-la não apenas como o rosto ou o espelho do jornal, mas também como uma página opinativa.

⁸ Vide anexos 1 e 2. Destacamos, em vermelho, os gêneros verbo-visuais.

⁹ Vide anexos 3 e 4.

¹⁰ É notório o trabalho de René Armand Dreifuss (1981) consagrado à análise do processo de desestabilização do governo de João Goulart, que culminou no golpe de estado de 1964. Dreifuss (1981) destaca a ação do complexo político-militar IPES/IBAD: Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais/Instituto Brasileiro de Ação Democrática. Enquanto o IPES delineava as estratégias e se constituía como a inteligência da elite orgânica, o IBAD se responsabilizava pela ação propriamente dita, ou seja, os seus membros é que realizavam os ataques a figuras públicas por meio da mídia; que faziam pressão econômica sobre os empresários que não se encaixavam no perfil antigovernista; que repreendiam jornais que adotavam postura moderada contra o governo de João Goulart etc. Nesse processo, o jornal *O Globo* e demais empresas pertencentes à mesma organização (alinhados ao regime) assistiram a um crescimento enorme durante o regime militar, ao passo que o *Correio da Manhã* (defensor incontestado de seus posicionamentos ideológicos, no caso, contrários ao regime ditatorial instaurado no País após a queda de João Goulart) foi sucumbindo até decretar sua falência dez anos após o Golpe de 64.

¹¹ Vide anexos 1 e 2, com destaques em azul. Segundo Lisette Figueiredo (2003, p.57), “A nota comentário relatado pode ser considerada, funcionalmente, como um texto em que o repórter apresenta a posição de alguém diante de determinado fato, através da identificação do opinante, do relato do posicionamento ou suposição expressos por este opinante e do relato dos dados/argumentos que justificam o posicionamento ou suposição”.

¹² Entendemos o discurso direto como uma das formas do discurso citado, tal como é concebido por Bakhtin/Volochinov (2002, p.144): “o discurso citado é o discurso no discurso, um discurso sobre o discurso”.

¹³ Vide anexos 3 e 4, com destaques em vermelho.

No entanto, há diferenças na construção dessas páginas de opinião, pois a primeira página do *Correio da Manhã* constrói uma cena enunciativa que convida subitamente seu leitor a refletir sobre os fatos midiáticos, enquanto a primeira página d'*O Globo* instala uma cena de enunciação própria do que Marcondes Filho (2002) chama de ideologia do *flash*:

No final, restam na memória do leitor apenas sinais, traços da informação que cada segmento porventura deixou. Ele não será capaz de recordar a matéria que acabou de ler e nem terá o conhecimento para aplicar essa informação adquirida em outros casos semelhantes (MARCONDES FILHO, 2002, p.46).

Essas cenas enunciativas construídas a partir da composição da primeira página integram as estratégias discursivo-argumentativas de construção dos efeitos de realidade e de identificação entre jornal e leitor, constituindo aí dois modos distintos de enunciar, a saber:

- A enunciação da primeira página do *Correio da Manhã* constrói um leitor participativo, que deve ler e acompanhar os argumentos do jornal e das vozes relatadas;
- A enunciação da primeira página d'*O Globo* projeta um leitor espectador, que deve assistir às fotografias e ler a apreciação do jornal lançada nas legendas.

Assim, se, ao leitor do *Correio da Manhã*, compete acompanhar os argumentos e a linha de raciocínio do jornal, para o leitor d'*O Globo* o que fica é um grande material residual condensado numa forma de pensar orientada mais pela emoção do que pela razão, já que a página não convida o leitor a refletir sobre a informação, mas a se sensibilizar com ela.

As diferenças observadas nos dois jornais são responsáveis também pela construção da identidade discursiva de cada jornal. A esse respeito, Grillo (2004, p. 50) afirma que “a configuração da primeira página é uma das grandes responsáveis pela identidade de cada órgão de imprensa”. É interessante notar como o contrato midiático entre enunciadador (jornal) e co-enunciador (leitor do jornal) é estabelecido, uma vez que a reiteração de traços específicos da primeira página constrói a identidade visual do jornal, ao mesmo tempo em que constrói seu próprio leitor. Basta ter em conta que a paginação (fortemente marcada pela relação entre o verbal e o visual) propõe certas opções (e não outras) de direção do olhar do leitor pela página, o que caracteriza já a orientação argumentativa do jornal, hierarquizando o valor de cada texto na página e apresentando, por meio do discurso gráfico-visual, seus próprios valores. É nesse sentido que Grillo (2004, p.66) afirma que “a distribuição produz diferenças cujo efeito é o valor. A importância da superfície vem de que ela determina a valorização e contribui para a construção do sentido dos textos que a compõem”.

Com base no contexto sócio-histórico desses discursos jornalísticos – os fatos políticos ocorridos em torno da deposição do presidente João Goulart em abril de 1964 –, podemos dizer que o discurso do *Correio da Manhã* projeta uma cena de enunciação em que jornal e leitor participam do processo político, de modo que valoriza positivamente sujeitos participativos e negativamente sujeitos não participativos, submissos ou alheios aos acontecimentos políticos, se considerarmos a grade axiológica dos discursos contrários à imposição das Forças Armadas. De outro lado, podemos depreender do discurso d'*O Globo* a projeção de uma cena enunciativa em que jornal e leitor assistem ao processo político, valorizando positivamente sujeitos espectadores e negativamente sujeitos não espectadores ou agitadores, do ponto de vista da grade axiológica dos discursos favoráveis àquela intervenção dos militares.

Considerações finais

O percurso teórico-analítico exposto até aqui pôde nos oferecer condições de mostrar como a composição do hipergênero “primeira página jornalística” mobiliza elementos enunciativos que servem a estratégias discursivo-argumentativas de captação do leitor, as quais passam, principalmente, pela construção da identidade discursiva do jornal e da identificação entre jornal e leitor. Trata-se aí de uma das preocupações da abordagem teórico-metodológica de nossa pesquisa, que compreende a argumentação como fato de discurso, aproximando, assim, os pressupostos da Análise do Discurso e da Teoria da Argumentação.

Quando nos propusemos a responder como a inter-relação dos gêneros jornalísticos no hipergênero “primeira página” contribui para a construção do efeito de real, estávamos pensando em ultrapassar uma visada, relativamente, óbvia acerca dos estudos discursivos sobre a relação entre o político e o jornalístico, pois procuramos mostrar como o *layout* da primeira página do jornal pode apresentar-se como um discurso gráfico-visual que contribui para a construção dos sentidos manifestados por meio da materialidade verbal, embora o foco de nossa análise não tenha recaído sobre o conteúdo dos textos.

Outro aspecto suscitado durante a análise diz respeito à projeção das cenas enunciativas no hipergênero “primeira página”. Ao tratar dos regimes de leitura, da captação do imaginário do leitor e de sua identificação com o jornal, tocamos, de fato, no problema da construção do leitor. Em outras palavras, dissemos que o leitor é um feixe de estratégias enunciativas e uma construção do próprio discurso jornalístico. Abordamos, pois, o leitor enquanto princípio discursivo, e não o leitor empírico.

Desse modo, ao conceber a primeira página não como um mero suporte, mas como um hipergênero discursivo, a análise pôde revelar como as cenas enunciativas projetadas pela primeira página captam o imaginário do leitor, conferindo papéis sociais aos parceiros da comunicação, jornal e leitor, orientando-lhes a posicionamentos discursivos perante a situação política do País num determinado momento histórico. Se a primeira página do *Correio da Manhã* requer um leitor que deve acompanhar o raciocínio argumentativo do jornal e das vozes relatadas no jornal, atribuindo-lhe a imagem de um leitor participativo, e, se a primeira página d’*O Globo* destina-se a um leitor mais afeito a acompanhar os fatos políticos por meio de fotografias, conferindo-lhe a imagem de um leitor espectador, vimos emergir, nesse contexto sócio-histórico de abril de 1964, duas identidades discursivas distintas e com posicionamentos discursivos bem definidos em relação ao episódio político que marcou o Brasil naquele ano.

Referências

- AMOSSY, Ruth. **L’argumentation dans le discours**. Discours politique, littérature d’idées, fiction. 2^o ed. Paris: Armand Colin, 2006.
- _____. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. Trad. Adriana Zavaglia. **Filologia e linguística portuguesa**, SP, n.9, p.121-146, 2007.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, V.N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9.ed. São Paulo: Hucitec; Annablume, 2002.
- _____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. O problema do texto em linguística, em filologia e em outras ciências humanas. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.

BONINI, Adair. Em busca de um modelo integrado para os gêneros do jornal. *In*: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva (Org.). **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza, CE: Grupo Prototexto, 2001. (livro em cd-rom).

_____. O conceito de gênero textual/discursivo: teorias versus fenômeno. *In*: CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes (Org.). **Gêneros textuais: teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004, p. 3-17.

_____. As relações constitutivas entre o jornal e seus gêneros: relato das pesquisas do “Projeto Gêneros do Jornal”. *In*: BRAGA, Sandro *et al* (Org.). **Ciências da linguagem: avaliando o percurso, abrindo caminhos**. Blumenau: Nova Letra, 2008, p.21-45.

_____. **Hipergênero, mídia e suporte**: gêneros textuais e suas relações. (Mimeo).

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Texto, gêneros do discurso e ensino. *In*: (Coord.). **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. São Paulo: Cortez, 2000. p.17-45. (Coleção aprender e ensinar com textos, v.5).

_____. **Introdução à análise do discurso**. 2.ed.rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

CARVALHO, Flaviane Faria; MAGALHÃES, Célia. Mídia impressa e multimodalidade: os significados composicionais na primeira página de jornais mineiros. **Revista Anpoll**, (on line), vol.2, n.27, p.43-71, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

DREIFUSS, René Armand. **1964: A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe**. 2.ed. Trad. de Else Ribeiro Pires Vieira (superv.). Petrópolis, Vozes, 1981.

DUCROT, Oswald. À propos de la seconde Provinciale. **Langue française**, Paris: n.12, 1971.

FIGUEIREDO, Lisete Fernandes. **A nota jornalística no Jornal do Brasil: um estudo do gênero textual e de sua função no jornal**. Tubarão, 2003. 134f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. **A produção do real em gêneros do jornal impresso**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

_____. Enunciados verbo-visuais na divulgação científica. **Revista Anpoll**, (on line), vol.2, n.27, p.215-243, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. Argumentation et analyse du discours: réflexions à partir de la seconde Provinciale. **L'Année sociologique**, Paris, n.44, p.263-279, 1994.

_____. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. Souza-e-Silva e Décio Rocha. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Diversidade dos gêneros discursivos. *In*: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (Org.). **Gêneros: reflexões em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE-UFG, 2004, p.43-57.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**. A saga dos cães perdidos. 2.ed. São Paulo, Hacker Editores, 2002.

MILLER, Carolyn R. Genre as social action. *In*: FREEDMAN, Aviva; MEDWAY, Peter (Eds.). **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994 [1984], p.23-42.

PAES DE BARROS, Cláudia Graziano. “**Compreensão ativa e criadora**”: uma proposta de ensino-aprendizagem de leitura do jornal impresso. São Paulo, 2005. 203f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PERELMAN, Chaïm; TYTECA, Lucie Olbrechts-. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PLANTIN, Christian. **L'argumentation**. Paris : Seuil, 1996.

_____. **A argumentação: história, teorias, perspectivas**. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

TOULMIN, Stephen E. **Os usos do argumento**. 2.ed. Trad. de Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2006. [Original: **The uses of argument**. Cambridge: Cambridge, 1958].

Anexo 2: primeira página do Correio da Manhã, edição de 3 de abril de 1964

EDMUNDO BITTENCOURT — PAULO BITTENCOURT

RIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 3 DE ABRIL DE 1964

M. 21118 — ANO LXXX

ADEMAR DESAFIA O CONGRESSO

PODER

Ademair de Barros voltou a falar ontem ao novo, terminando de uma rede paulista de rádio e televisão para presenciar o momento de abertura da luta que ainda não está concluída. Por duas vezes, o governador afirmou que os parlamentares da Câmara e do Senado "não devem afirmar que Ademair é débil, pois ele não tem nenhum medo de enfrentar os seus inimigos e não se submeterá a qualquer pressão".

ATENÇÃO

Ademair de Barros voltou a falar ontem ao novo, terminando de uma rede paulista de rádio e televisão para presenciar o momento de abertura da luta que ainda não está concluída. Por duas vezes, o governador afirmou que os parlamentares da Câmara e do Senado "não devem afirmar que Ademair é débil, pois ele não tem nenhum medo de enfrentar os seus inimigos e não se submeterá a qualquer pressão".

MONTEVIDÉU AINDA GUARDA GOULART

BRANCO - Montevideo (FP-Sucre) — O Zibardo de ontem, o Sr. João Goulart não chegou a ser eleito governador da República Uruguaiana, onde o governador eleito foi o Sr. Juan Antonio Bordaberry.

BRASIL E A

Brasil E A

Paralisado

Paralisado

BARRICADAS CERCAM DOIS FORTES NA ZS

BARRICADAS CERCAM DOIS FORTES NA ZS

Bancos só abrirão 2-feira

Bancos só abrirão 2-feira

Mazzilli toma posse



O Sr. Ranieri Mazzilli, em posse no cargo de presidente do Supremo Tribunal Federal, e o governador Ayrton Selenes, presidente do Senado Federal, e o ministro Roberto de Godoy, presidente do Conselho de Estado.

LYNDON JOHNSON ENVIAM FELICITAÇÕES A MAZZILLI

Washington, Moscou, Havana, Los Angeles, Nova York, Madrid e Santiago de Chile — (AP-UPM) —

Rockefeller

Rockefeller

Crise esperada

Crise esperada

Paralisado Frete no Ceará

Paralisado Frete no Ceará

LACERDA A KRUI: ELEIÇÃO IMEDIATA

LACERDA A KRUI: ELEIÇÃO IMEDIATA

Terrorismo, não!

A vitória da Nação, em virtude do afastamento do Sr. João Goulart não pode ser marcada com a onda de arbitrariedade e de violência que a Polícia da Guanabara — a SA que nos já havíamos denunciado quando foi organizada — vem desrespeitando ostensivamente as garantias constitucionais.

Não estamos em Estado de sítio, um desafio de Goulart entregou o poder, por vontade ou não, sem qualquer resistência militar. Não é crime que se queira manchar de sangue, como já se manchou. Um movimento de amplitude para o enforcamento das instituições da República.

Ex-ministro detidos e soltos em S

MAZZILLI FALA SOBRE AS PRISÕES

BRASILIA (Sucre) — Receberam do Gabinete de Imprensa da Presidência da República, nos próximos dias, o Sr. Ranieri Mazzilli, presidente do Supremo Tribunal Federal, e o Sr. Roberto de Godoy, presidente do Conselho de Estado.

Seixas Dória chega preso a Salvador

Seixas Dória chega preso a Salvador

Seis Dória chega preso a Salvador

Seis Dória chega preso a Salvador

Seis Dória chega preso a Salvador

Seis Dória chega preso a Salvador

Anexo 3: Primeira página d'O Globo, edição de 2 de abril de 1964

FUGIU GOULART E A DEMOCRACIA ESTÁ SENDO RESTABELECIDA

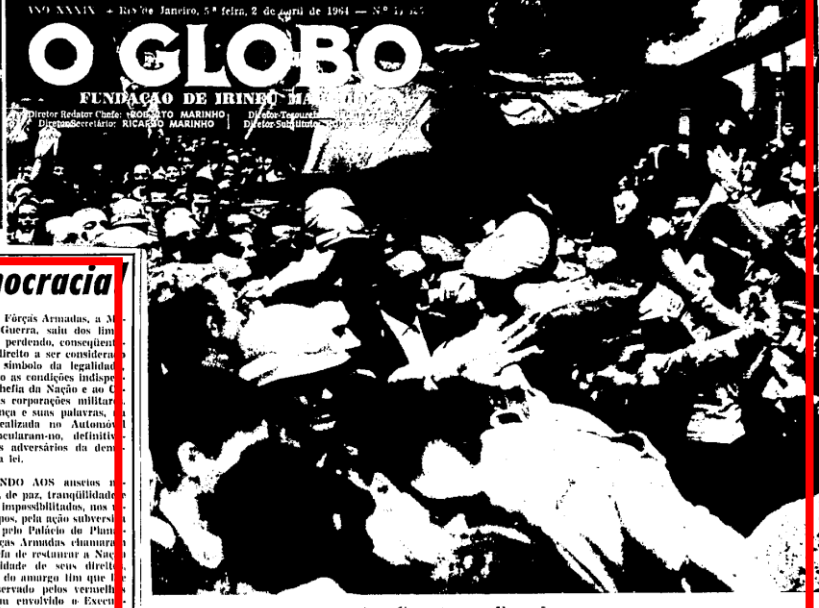
EMPOSSADO MAZZILLI

NA PRESIDÊNCIA

TEXTO NA 6.ª PÁGINA



O Irredentista UNR mostra o sentimento de revolta da população contra os agitadores e ferozes estudantes (Três no C.º)



O GLOBO

ANO XXXIX - Rio de Janeiro, 5.º feir., 2 de abril de 1964 - N.º 12.452

Director Redactor: ROBERTO MARINHO | Director-Administrativo: RICARDO MARINHO
Director Secretário: RICARDO MARINHO | Diretor-Telemático: RICARDO MARINHO

Ressurge a Democracia

VIVE A NAÇÃO dias gloriosos. Porque sonhamos unir-se todos os patriotas, independentemente de vinculações políticas, simpatias ou opiniões sobre problemas isolados, para salvar o que é essencial: a democracia, a lei e a ordem.

GRAÇAS À DECISÃO e ao heroísmo das Forças Armadas, que obedientes a seus chefes demonstraram a falta de visão dos que tentavam destruir a hierarquia e a disciplina, o Brasil firmou-se do novo virário irresponsável, que insistia em arrastá-lo para rumos contrários à sua vocação e tradições.

COMO DIZIAMOS, no editorial de anteontem, a legalidade não poderia ser a garantia da sobrevivência, a esmola dos agitadores, o anteparo da desordem. Em nome da legalidade não seria legítima admitir o assassinato das instituições, como se viu na fazenda, dia-ante da Nação horrorizada.

AGORA O CONGRESSO dará o rumo constitucional à situação existente, para que o País continue sua marcha em direção a seu grande destino, sem que os direitos individuais sejam afetados, sem que as liberdades públicas desapareçam, sem que o poder do Estado volte a ser usado em favor da desordem, da indisciplina e de tudo aquilo que nos estava a levar a anarquia e ao comunismo.

PODEREMOS, desde hoje, encarar o futuro confiantemente, certos, enfim, de que todos os nossos problemas terão soluções, pois os negócios públicos não mais serão geridos com má-fé, demagogia e irresponsável.

SALVAJS DA COMUNIZAÇÃO que celegeramente se preparava, os brasileiros devem agradecer aos bravos militares, que os protegeram de seus inimigos. Devemos felicitar-nos porque as Forças Armadas, fiéis ao dispositivo constitucional que as obriga a defender a Pátria e a garantir os poderes constitucionais, a lei e a ordem, não confundiram a sua respeitável missão com a servil obediência ao chefe de agremiação daqueles poderes, o Executivo.

AS FORÇAS ARMADAS, diz o Art. 176 da Carta Magna, "são instituições permanentes, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade do Presidente da República e DOSENTO DOS LIMITES DA LEI".

NO MOMENTO em que o Sr. Joo Goulart ignora a hierarquia e despreza a disciplina de seu duo

ramos das Forças Armadas, a Marinha de Guerra, saiu dos limites da lei, perdendo, conseqüentemente, o direito a ser considerada como um símbolo da legalidade, assim como as condições indispensáveis à Chefia da Nação e ao comando das corporações militares. Sua presença e suas palavras, no reunião realizada no Automóvel Clube, vincularam-no, definitivamente, aos adversários da democracia e da lei.

ATENDEDO AOS anseios nacionais, de paz, tranquilidade e progresso, impossibilitados, nos certos tempos, pela ação subversiva, orientada pelo Palácio de Planalto, as Forças Armadas chamaram a si a tarefa de restaurar a Nação na integridade de seus direitos, firmando-o do amor-lim que estava reservado pelos vernaes que haviam envolvido o Executivo Federal.

ESTE NÃO FOI um movimento partidário. Dele participaram todos os setores conscientes da vida política brasileira, pois a ninguém escapava o significado das manobras presidenciais. Alinharam-se os mais ilustres líderes políticos, os mais respeitados Governadores, com o mesmo intuito redentor e animou as Forças Armadas. E a sorte da democracia no Brasil que estava em jogo. A fides civis devemos, igualmente, reter a gratidão de nossa população.

MAS, POR ISTO que marcamos na mais ampla aceção da palavra, o movimento vitorioso não precisa obrigatoriamente a Pátria, do Povo e do Regime. Não foi contra qualquer reivindicação popular, nem representação ou reação contra qualquer idéia que enquadrada dentro dos princípios constitucionais, objective o bem do povo e o progresso do País.

SE OS BANHIDOS, para intrinsecamente os brasileiros com seus direitos e com as chefes militares, afirmaram o contrário, estariam mentindo, estando, como sempre, procurando enganar os mais trabalhadores, que não hesitam em dar o veredicto. Confiamos em que o Congresso votará, replidamente, as medidas necessárias para que se inicie no Brasil uma época de justiça e latim social.

MAS UMA VEZ o povo brasileiro foi surpreendido pela Presidência Divina, que lhe permitiu suportar a grave crise, sem maiores tumultos e lutas. Reclamamos dignidade de tão grande favor.

A ASSEMBLÉIA DE PERNAMBUCO VOTOU O "IMPEACHMENT" DE ARRARES

RECIFE, 2 (O GLOBO) - A Assembléia Legislativa aprovou o "impeachment" do Governador Miguel Arraes, por 35 contra 20 votos. A Câmara Municipal está reunida também para votar o "impeachment" do Prefeito Pelegrino Silveira.

"A Decisão da Pátria"

Ter na 3.ª página, sob o título acima, o editorial que deveria ter sido publicado na edição proibida.

Coragem e Emoção

DURANTE as longas horas em que permaneceu brevemente no seu posto de Palácio Guanabara, ameaçado de invasão pelos fuzileiros navais, o Governador Carlos Lacerda teve o espírito de um soldado. Diante de qualquer sacrifício, não somente soldados fiéis da Polícia Militar, mas um grande número de oficiais das Forças Armadas e de amigos e de pessoas que

nao concidia mas que acorreram a lutar pelo Governador de Guanabara. O flagelo acima e do momento em que, sob grande emoção, o Sr. Carlos Lacerda viu os fuzileiros de Guanabara receber fuzilamento de guerra, se uniram as redutidas mas valerosas forças que guardam o pelotão de

CASTELO BRANCO ADVERTIRA OS COMANDOS: As Forças Armadas São Para Defender a Lei, Não a Baderna



Silêncio Após a Fuga

NÃO se trata de um fato extraordinário, mas de um fato que ocorreu no silêncio da noite. O silêncio da noite, quando se trata de um fato extraordinário, não se trata de um fato extraordinário, mas de um fato que ocorreu no silêncio da noite.

A VIOLÊNCIA CONTRA "O GLOBO"

A VIOLÊNCIA contra O GLOBO voltou-se para o jornal, em um momento em que o Brasil vive um momento de transição. O jornal O Globo, sob a direção de Roberto Marinho, tem sido alvo de ataques e ameaças por parte de grupos radicais. O texto discute a situação do jornalismo em um contexto de instabilidade política.



O grupo principal de O GLOBO em reunião com os chefes de Forças Armadas, a fim de que pudesse ser cumprida a missão de informar a população sobre o que acontece no Brasil.

Anexo 4: Primeira página d'O Globo, edição de 3 de abril de 1964

A VEZ DO CONGRESSO

EMBORO O GLOBO e outros jornais vissem alertando a opinião pública para o aceramento do processo de comitização...

A VERDADE parece a única saída possível para o Brasil, e o destino do país...

PARA DEFENSA da democracia, os brasileiros devem apresentar as suas propostas e ideias...

MAS NINGUÉM quer saber se os brasileiros estão preparados para enfrentar as dificuldades que se apresentam...

DEVE O CONGRESSO completar seu mais tardado e fatidico trabalho...

ULTIMAMENTE, o Congresso tem sido alvo de críticas...

É URGENTE que o Congresso volte a trabalhar...

QUEMOS CRÊER que o Congresso estará sem tempo...

que o povo não sepa, neste momento, o povo e as Forças Armadas, cuja atuação, nesta difícil conjuntura, deve ser prestigiada...

DE ACORDO com a Constituição, o Congresso deve eleger, dentro de 30 dias, um Presidente da República...

PEREIRA, o atual presidente da Câmara dos Deputados, não quer que o Congresso seja considerado um órgão inerte...

PRIMEIRO-SECRETÁRIO da Câmara dos Deputados, não quer que o Congresso seja considerado um órgão inerte...

A QUESTÃO AGRÁRIA, por exemplo, que foi tratada com tanta convulsão e entusiasmo pelo Congresso...

ENEM, e os brasileiros não devem esquecer que o Congresso...

O CONGRESSO não tem tempo a perder para mostrar ao País...

MAIS DE 800 MIL PESSOAS NA "MARCHA DA VITÓRIA"!

Impressionante massa humana transformou a Marcha da Família, Com Deus Pela Liberdade na maior manifestação democrática jamais vista no Brasil e que serviu como demonstração esplêndida do repúdio do povo ao comunismo.



Uma multidão impressionante passou pela Avenida Rio Branco na Marcha da Vitória.

FALCÃO PEDE PUNIÇÃO PARA OS CRIMINOSOS



Membros do Brasil de Fora, dirigidos por Augusto Falcão, participam da Marcha da Vitória.



Tradição de Liberdade

É a tradição de liberdade do povo brasileiro, que foi defendida na Marcha da Família...

O GENERAL MOURÃO CONTRA A HISTÓRIA DA REVOLTA



Um momento da reunião com Mourão e o filho do General Mourão de Lacerda, com o filho do General Mourão de Lacerda, com o filho do General Mourão de Lacerda.

MAZZILLI CHEGA HOJE AO RIO PARA FORMAR O NOVO GOVERNO

O Presidente da República iniciará os contatos políticos miliares para o escalho de seus Ministros...

Eleição Imediata do Presidente Pelo Congresso

Um governo de transição e um governo de emergência de governo.